

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT04.019](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT04.019)

"O FIO DE ARIADNE": JUVENTUDES COMO SUJEITOS SOCIAIS EM UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO

Jussara Natália Moreira Belens de Melo

Professora do Curso de Licenciatura em Sociologia, do Departamento de Ciências Sociais, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Licenciada em Ciências Sociais pela UFPB (1995). Mestra em Sociologia Rural pela UFPB (1998) e Doutora em Educação pela UFPB (2013). jussara26@servidor.uepb.edu.br;

Samara Beatris da Costa Silva

Graduanda do curso de licenciatura em sociologia pela UEPB. samara.beatris@aluno.uepb.edu.br

Kiuwre Freitas Silva

Graduando do curso de licenciatura em sociologia pela UEPB kiuwre.silva@aluno.uepb.edu.br

RESUMO

No presente artigo, discute-se a experiência da “oficina pedagógica”: “Juventudes, gênero e sexualidades”, realizada no curso de extensão “Juventude(s) em Debate”, em março de 2022, com jovens estudantes do Ensino Médio de uma escola pública da cidade de Campina Grande-PB. Analisa-se como essa experiência de reflexões sobre as temáticas abordadas possibilitaram a jovens estudantes se colocarem como “sujeitos sociais”, através da problematização de visões naturalizadas sobre as desigualdades de gênero e sexualidades, resignificando ideias tradicionais e conservadoras apresentadas nas relações sociais por alguns/mas estudantes. Neste sentido, adotou-se a pesquisa bibliográfica e foram abordados os conceitos de “sujeitos sociais”, à luz de Deyrel (2013), de “juventudes”, segundo Pierre Bourdieu (1983) e Regina Novaes (2006), dos conceitos de “gênero” e

“sexualidades”, à luz de Guacira Louro (2013) e de “experiência como sentido”, em Jorge Larrosa (2002). Utilizou-se também a observação direta da pesquisa participante, pelo fato de estas possibilitarem maior aproximação com as subjetividades dos sujeitos sociais participantes das oficinas pedagógicas; das respostas das/os alunas/os ao quiz realizado antes da oficina, apresentando as suas percepções acerca dos conceitos de gênero e sexualidades e, ainda, das respostas da professora de sociologia as duas perguntas enviadas pelo Google Forms. Desse modo, apresentamos as interlocuções realizadas na oficina e as suas contribuições para (re) elaboração das percepções das/os jovens estudantes acerca das questões de gênero e sexualidades, abordados na “oficina pedagógica”.

Palavras- chaves: Juventudes, Sujeito sociais, Educação, Gênero, Sexualidades.

INTRODUÇÃO

// Aprender para cidadania"? As nossas experiências juvenis escolares foram marcadas pela ideia da educação como processo de escolarização para a vida adulta, responsável, produtiva, exitosa como cidadã do mundo do trabalho. A partir das conquistas históricas dos movimentos feministas, nas últimas décadas, foram adentrando nos espaços escolares conteúdos sobre gênero e diversidade, alargando espaços de falas dos corpos historicamente silenciados nos contextos escolares, seja pela diversidade de ideias, de sexualidades, seja pela liberdade sexual, de comportamento, de sonhos e perspectivas das meninas em um mundo patriarcal e atravessado pela violência de gênero.¹

Hoje, como pesquisadoras/es sobre juventudes, indagamos qual a contribuição da educação escolar para a formação das/os jovens como sujeitos sociais reflexivos que respeitam a diversidade. Que juventudes estão sendo fabricadas/os nos espaços escolares em um contexto social de retirada dos direitos sociais conquistados pelas mulheres e pelo respeito à diversidade, uma vez que compreendemos por Educação como possibilidade de problematização sobre “o que somos, o que pensamos, como agir?” (FERRARI & MEIRELES, 2022, p. 66). Assim, em nossa percepção, a Educação transpassada pelo olhar da Sociologia deve suscitar a reflexão para a desnaturalização da realidade, impulsionada pelo pensamento/crítico e, assim, formar jovens como “sujeitos sociais” que desnaturalizam e problematizam as desigualdades sociais (DAYRELL, 2003).

Mesmo que o componente/tema educação sexual esteja incluído nas Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio, como nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN+ (BRASIL, 2002), no Estatuto da Juventude (2004), na atual Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017), quando as abordagens sobre gênero e sexualidades são realizadas, estas, comumente e na maioria das vezes vêm ocorrendo, na Educação Básica, pelos vieses do aparelho reprodutor, ou seja, pelos olhares da Biologia.

1 O movimento feminista atravessado pelas bandeiras de lutas em diferentes configurações sociais impulsiona a participação das mulheres em espaços antes destinados apenas aos homens. (Cf. DUARTE. *In*: HOLLANDA, 2019, p. 27).

A partir das observações realizadas como professora de Estágio Supervisionado do Curso de Licenciatura em Sociologia, percebemos professoras e professores de Sociologia da Educação Básica trabalharem essas temáticas suscitando problematizações em torno das ideias biologizantes sobre sexo e sexualidades; ainda há jovens estudantes subjetivados pela moral patriarcal, apresentando ideias machistas e sexistas naturalizadas socialmente.

Desse modo, nos instigamos por refletir sobre “O fio de Ariadne” – tecido na oficina pedagógica sobre “gênero e sexualidades”, com jovens do Ensino Médio de uma escola pública da cidade de Campina Grande-PB, problematizando as ideias biologizantes e baseadas na moral cristã/patriarcal apresentadas por esses jovens e a contribuição da oficina para a desnaturalização dessas ideias. Aqui, nos baseamos na ideia sociológica de juventudes como curso de vida, sem separar por fases como refletidos por Pierre Bourdieu (1983) e Regina Novaes (2006) e Dayrell (2003).

QUE JUVENTUDE?

Pensar na Juventude como conceito é um exercício reflexivo que deve estar em consonância constante com as múltiplas realidades sociais, históricas, culturais e políticas de pessoas que participam da dinâmica (re)construção da vida social. Segundo a Lei nº 12.852/2013 do Estatuto da Juventude(2013), ser jovem compreende estar entre 15 e 29 anos de idade, representando, assim, uma definição etária para fins da prescrição dos “direitos, princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE”.(ESTATUTO DA JUVENTUDE, 2013. p. 29).

Há, contudo, nas Ciências Sociais, percepções que veem juventude não como faixa etária, mas como percurso de vida, de diferentes experiências e situações sociais, econômicas, políticas e culturais que singularizam e não homogeneizam as pessoas que se encontram na faixa etária precrita no Estatuto da Juventude (2013). É essa a percepção do sociólogo Pierre Bourdieu, que compreende esse conceito como uma “palavra que pode ser manipulada”, pois a ideia que esta imprime, quando ligada ao biológico, é algo que requer problematização, uma vez que não se pode pensar a

juventude como homogênea, única, compreendendo pessoas com interesses comuns. ((BOURDIEU, 1983). Segundo este filósofo:

O reflexo profissional do sociólogo é lembrar que as divisões entre as idades são arbitrárias. É o paradoxo de Pareto dizendo que não se sabe em que idade começa a velhice, como não se sabe onde começa a riqueza. De fato, a fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputas em todas as sociedades. Por exemplo, há alguns anos li um artigo sobre as relações entre os jovens e os notáveis na Florença do século XVI que mostrava que os velhos propunham aos jovens uma ideologia da virilidade, da virtú e da violência, o que era uma maneira de se reservar a sabedoria, isto é, o poder: Da mesma forma, Georges Ouby mostra bem como, na Idade Média, os limites da juventude eram objeto de manipulação por parte dos detentores do patrimônio, cujo objetivo era manter em estado de juventude, isto é, de irresponsabilidade, os jovens nobres que poderiam pretender à sucessão. (BOURDIEU, 1983, p. 4)

Afinada com a percepção de *juventudes*, no plural, como percurso de vida, a antropóloga e pesquisadora Regina Novaes (2006) compreende que a ideia sugerida por esse termo – agora no singular – muda nos tempos, culturas e espaços sociais, transgredindo sua ideia de faixa etária, uma vez que as desigualdades sociais demarcam diferentes juventudes no mosaico cultural da sociedade contemporânea.

No Brasil, segundo a pesquisadora, o marcador de classe evidencia a entrada, a permanência, a evasão e a continuidade escolar das juventudes brasileiras quando e como estas estudam. Outro marcador de desigualdade social que diferencia as juventudes são as questões de gênero, sexualidades e raça, além dos recortes de territorialidade e religião (NOVAES, 2006, p. 1006).

Regina Novais, em entrevista concedida ao Instituto Humanistas Unisinos On-line (IHN), nos orienta que “existe uma condição juvenil comum a todos os/as jovens que vivem em determinado tempo histórico (juventude no singular). A ‘juventude’, porém, nunca é um todo homogêneo. Nesse segmento etário, convivem várias ‘juventudes’ (no plural)” (SANTOS, 2019).

Ela apresenta, ainda, a multiplicidade existente na faixa etária concedida a juventudes pelas sociedades, demonstrando uma condição descentralizada da unidade juvenil para um universo complexo de expectativas, desejos, anseios, condições adversas da categoria jovem. A diversidade é um fator importante da compreensão desse público como uma pluralidade, enxergando, nesse “ser jovem”, condições distintas de existência, ou seja: (classe), a religião que fabrica sua identidade enquanto sujeito ativo, a sua condição étnico-racial (cultural), o gênero e a territorialidade (geográfica); todos esses são motivos que endossam a necessidade de discussão sobre a heterogeneidade da juventude (DAYRELL, 2003).

Carrano e Dayrell (2013) afirmam que: “as representações sobre a juventude, os sentidos que se atribuem a esta fase da vida, a posição social dos jovens e o tratamento que lhes é dado pela sociedade ganham contornos particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos” (2003, p. 13), ou seja:

Entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. (DAYRELL, 2013, p. 3)

Então, que são as/os jovens estudantes do Ensino Médio da escola pública da cidade de Campina Grande-PB, onde foi realizada a ação extensionista, aqui abordada? A partir dos marcadores de gênero, sexualidade, classe, religião e territorialidade, 25 jovens participaram da oficina pedagógica “Juventudes, gênero e sexualidades”, alunas e alunos do primeiro ao terceiro anos do Ensino Médio de uma escola pública estadual, localizada em um bairro de periferia da cidade de Campina Grande-PB. As/os jovens participantes são moradores do mesmo bairro onde se localiza a escola e de bairros circunvizinhos. Dos vinte e cinco jovens participantes desta oficina temática, treze eram meninas e doze eram rapazes.

As/os vinte e cinco jovens são filhos de trabalhadores/as, com diferentes organizações familiares; entre eles há alguns cristãos/protestante de ramificações distintas, em sua maioria, o também

cristãos da religião católica.⁵² Não foi manifestada a pertença de jovens de religião de matriz africana ou de outra denominação. A faixa-etária das/os jovens participantes está entre 15 a 18 anos de idade, sendo o maior número deles constituído de pardos.

Desse modo, compreendemos as/os jovens estudantes como plurais, construtores/as de suas identidades nas relações sociais e nas trocas simbólicas e concretas que atravessam as sociabilidades tecidas nos diferentes espaços de convivências, significadas pelos processos de subjetividades e subjetivações nesses percursos de vida. Assim, percebemos as juventudes como “sujeitos sociais”, acompanhando, portanto, a definição de Dayrell (2013):”.

METODOLOGIA

O percurso metodológico para a tessitura deste ensaio se deu primeiramente por meio do estudo de caso, por nos possibilitar delinear uma das cinco oficinas temáticas realizadas pelo projeto de extensão intitulado “**Juventude(s) em Debate sob o prisma da sociologia das juventudes e interseccionalidades na contemporaneidade**”.³ A coleta de dados foi feita por meio da pesquisa bibliográfica, da observação direta, da análise de quiz e questionário, este com duas perguntas abertas enviada a professora de sociologia, realizado na plataforma Google Forms.

A pesquisa bibliográfica se deu pelo uso da “leitura interpretativa”, para uma percepção mais ampliada sobre o conceito de juventudes, à luz das Ciências Humanas, que compreende essa categoria não como grupo etário, mas como curso da vida,

- 2 A descrição dos marcadores interseccionais das/os jovens estudantes é resultado das conversas, observações realizadas pela coordenadora do projeto com as/os alunas/os, assim como da lista de presença com as assinaturas das/os participantes da oficina pedagógica “Juventudes, gênero e sexualidades”, realizada no dia 20 de maio de 2022.
- 3 O projeto de extensão **Juventude(s) em debate sob o prisma da sociologia das juventudes e inteseccionalidades na contemporaneidade** foi aprovado pelo EDITAL 004/2021/PROEX/UEPB- PROBEX, COTA 2022-2023, pela universidade Estadual da Paraíba-UEPB, no interstício janeiro de 2022 a janeiro de 2023. Teve como ações extensionistas oficinas temáticas realizadas em uma Escola pública na cidade de Campina Grande- PB, no período de maio de 2022 a agosto de 2022, abordando temáticas como estatuto da juventude (gênero, sexualidades, feminismo, homofobia), desenvolvidas com alunas/os do ensino médio da referida instituição escolar.

sem separação de fases, conforme abordado por Pierre Bourdieu (1983), Juárez Dreryus (2013) e Regina Novaes (2006). Para a discussão sobre os conceitos de gênero e sexualidades, nos apoiamos nas lentes de Guacira Lopes Louro (2013). A leitura interpretativa se apresenta como:

(...) a última etapa do processo de leitura das fontes bibliográficas. Naturalmente é a mais complexa, já que tem por objetivo relacionar o que o autor afirma com o problema para o qual se propõe uma solução. (...) a leitura interpretativa vai além **dos dados**, através de sua ligação com outros conhecimentos já obtidos. (GIL, 1991, p. 70, grifo nosso)

Em segundo lugar, tecemos este trabalho pelas vias da pesquisa de campo através da observação direta, realizada pela Coordenadora do projeto de extensão e monitores/as que avaliaram as experiências das oficinas no tocante à receptividade das/os alunas/os, as diferentes intervenções feitas pelos alunos, os silêncios por parte das alunas, as problematizações levantadas por algumas/uns alunas/os do Ensino Médio após as intervenções realizadas pela professora de Sociologia da escola-campo, assim como pelas/os mediadoras/es das oficinas.

Foi realizado um quiz,⁴ com alunas e alunos do Ensino Médio, antes da oficina. Depois desta, enviamos um roteiro de perguntas para a Professora de Sociologia e para a Gestora da Escola-Campo, pelo Google Forms. Apenas a Professora respondeu às duas perguntas enviadas. A primeira delas foi: Quais são os desafios encontrados para trabalhar as questões de gênero e sexualidades com jovens estudantes do Ensino Médio na Escola? A segunda perguntava: Em sua compreensão, quais as contribuições das oficinas que trabalharam as questões de “Gênero e sexualidades” para as/os jovens estudantes?

Assim, este ensaio se debruça sobre a análise da contribuição da oficina pedagógica “Gênero e sexualidades” na formação das juventudes como “sujeitos sociais”, à luz dos instrumentos metodológicos

4 Quiz – trata-se de um jogo de questionários que tem como objetivo fazer uma avaliação dos conhecimentos sobre determinado assunto. Disponível em: <https://www.significados.com.br/quiz/>. Acesso em: 30 nov. 2022.

utilizados. Não identificaremos, nas respostas, os nomes de alunas/os nem o da professora. Apresentamos nas discussões, quatro respostas ao quiz, de alunas/alunos, acima de 18 anos e as duas respostas da professora às perguntas enviadas pelo Google Forms. Neste sentido, abordamos as/os participantes acerca das “experiências como sentido” da oficina temática “Gênero e sexualidades”, pelo intercruzamento dos diferentes olhares apresentados nas respostas às perguntas feitas a alunas/os e a professora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

OFICINA PEDAGÓGICA: JUVENTUDES, GÊNERO E SEXUALIDADES

Assim, atravessadas pelas “experiências sentido” (LARROSA, 2004) da Educação como estratégias de subjetivação de: ideias, sentimentos, sonhos, comportamentos, formas de pensar alinhadas com projeto de escolarização dos corpos juvenis, evidenciamos um pouco dessa “experiência sentido” ao se falar de gênero e sexualidades com jovens estudantes participantes deste estudo, sob o olhar sociológico, cultural, histórico e político e não biologizante. Desse modo, apresentamos como as/os jovens estudantes compreendiam as temáticas de gênero e sexualidades; quais foram os desafios apresentados na oficina; como as oficinas possibilitaram construção de juventudes como sujeitos sociais.

As percepções das/os jovens estudantes da escola pública, *locus* de realização da oficina pedagógica denominada “Gênero e sexualidades” realizada pelo projeto de extensão “Juventudes em Debate-2022”, significadas pelas experiências subjetivas da moral religiosa cristã demarcada pelo patriarcalismo e a visão machista sobre o feminino. Mesmo que as/os jovens estudantes que participaram das oficinas convivam cotidianamente com as desigualdades de gênero e sexualidades em casa, na escola, entre os grupos de amizades, alguns deles reproduziram ideias machistas, sexistas e preconceituosas em relação às mulheres e às sexualidades.

Trabalhamos na oficina com problematizações levantadas sobre as diferentes realidades das juventudes hoje, a partir da leitura da Sessão IV do Direito à Diversidade e à Igualdade, apresentada na

Lei nº 12.852/2013 do Estatuto da Juventude (2013), assim como das reflexões das ideias de pesquisadoras feministas, como Simone de Beauvoir (2019), Guacira Louro (2013) e de dados estatísticos, apresentando índices de violência contra as mulheres e a população LGBTQIPA+; possibilitamos as reflexões das/os estudantes sobre sua condição subjetiva e objetiva, em relação aos marcadores de gênero e sexualidades.

Tomar a/o jovem enquanto “sujeito social” é percebê-las/os dentro de contextos diversos e complexos, identificando características próprias de determinadas estruturas sociais que se constroem, que se percebem parte de um mundo, que possuem seus próprios questionamentos; que distinguem cada sujeito do outro, escutando inquietações e questionamentos nesse momento complexo da vida. É nessa perspectiva plural que articulamos o debate sobre juventudes à noção de sujeito social. E aqui citamos Dayrell (2003);

[...] o ser humano não é um dado, mas uma construção. A condição humana é vista como um processo, um constante tornar-se por si mesmo, no qual o ser se constitui como sujeito à medida que se constitui como humano, com o desenvolvimento das potencialidades que o caracterizam como espécie. (DEYRELL, 2003, p. 43)

Refletir sobre as Juventudes como “sujeito social” é compreendê-las como parte de um processo de desenvolvimento de suas atribuições e potencialidades que se constroem com e nas vivências diárias, nos vários espaços sociais, nas suas relações com outros sujeitos ou na sua própria individualidade. Assim, compreendemos que o sujeito é um ser ativo que não se constrange frente às dinâmicas diárias, mas, sobretudo, age e se desenvolve construindo a sua própria história portando-se “no e sobre o mundo” (DAYRELL, 2003, p. 43).

No planejamento da oficina temática “Juventudes, gênero e sexualidades,” optamos por utilizar o quiz com duas perguntas abertas, enviadas às/os alunas/os pelo Google Forms, possibilitando, assim, um olhar prévio sobre as percepções das/os estudantes em relação às temáticas a serem discutidas em seguida, na ação extensionista. A primeira pergunta foi: **Qual é sua compreensão**

sobre Gênero? A segunda pergunta: **Qual é a sua compreensão sobre Sexualidades?**

Dos 25 estudantes⁵ do Ensino Médio, apresentamos aqui 02 respostas das perguntas enviadas, seguindo abaixo as respostas⁶ das/os jovens acima de 18 anos, dadas pelas/os respondentes sobre as suas compreensões sobre gênero;

“Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” (ESTUDANTE 01);

“Gênero é a definição entre homem e mulher” (ESTUDANTE 02).

“Gênero pode ser definido como aquilo que identifica e diferencia os homens e as mulheres, ou seja, o gênero masculino e o gênero feminino. De acordo com a definição “tradicional” de gênero, este pode ser usado como sinônimo de “sexo”, referindo-se ao que é próprio do sexo masculino, assim como do sexo feminino” (ESTUDANTE 08);

“Gênero é o termo usado para se referir a como cada indivíduo senti e se vê como algo/ ou não” (ESTUDANTE 09).

As respostas apresentadas acima evidenciam dissonantes percepções sobre gênero, pois, ao mesmo tempo que a primeira resposta apresenta a ideia de gênero “como constitutiva das relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” (ESTUDANTE 01), as demais respostas apresentam significados biologizantes, binários, na identificação de homens e mulheres como corpos diferentes, relacionados ao sexo.

De acordo com Louro (2013), gênero é uma categoria analítica que emerge na segundo onda do movimento feminista para discutir as desigualdades entre homens e mulheres e demonstrar seu caráter social, cultural e histórico. As orientações que perpassam as categorias homem e mulher são historicamente construídas de

5 Os números dados aos estudantes estão de acordo com a numeração do questionário.

6 Todas as transcrições serão feitas *ipsis litteris*, isto da mesma forma como foram registradas pelos participantes, a fim de se manter sua fidedignidade.

acordo com as culturas e os *modus operandi* em que a sociedade se configura. Apesar das conquistas históricas dos movimentos feministas e das discussões sobre relações de gênero como construções culturais, sociais e políticas, ainda há compreensões essencialistas sobre ser mulher e homem.

Na oficina pedagógica, inicialmente, apresentamos, no *power point*, as respostas do quiz, levantando problematizações como metodologia da oficina, possibilitando assim o debate sobre entre as/os jovens estudantes quanto às temáticas, considerando as suas compreensões, destacando e distinguindo os conceitos de gênero, sexo e sexualidades.

Partimos da percepção de gênero enquanto construções e expectativas socioculturais quanto às ideias sobre ser homem e ser mulher (SOCIOLOGIA EM MOVIMENTO, 2016), evidenciando o caráter social, cultural e simbólico das aspirações que se constituem sobre os corpos. Partimos da abordagem de Weeks (1993 apud LOURO, 2013) quando afirma que o gênero é a “diferenciação social entre homens e mulheres”. No decorrer de nossa reflexão, tomamos a celebre frase da filósofa feminista Simone de Beauvoir, “não se nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967), trabalhando a concepção dos papéis sociais estabelecidos, pelas sociedades, aos corpos, sobretudo antes mesmo de os indivíduos nascerem. Segundo Louro (2013, p. 24):

Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou uma mulher [...].

Aqui, apresentamos as respostas do quiz sobre as compreensões das/os jovens sobre sexualidades;

“Sexualidade é a palavra que expressa a maneira como entendemos nossos corpos, relacionamentos e nossa afetividade” (ESTUDANTE 01);

“Sexualidade => está relacionada a vida sexual.

Orientação sexual => é a forma de classificação de uma pessoa que sente atração por outra do mesmo, diferente ou nenhum gênero sexual” (ESTUDANTE 02);

“Que cada um tem a sua sexualidade e a sua orientação sexual” (ESTUDANTE 08);

“Sexualidade é o termo usado para se referir a atração (romântica ou sexual) de um indivíduo pelo outro, seja eles de gêneros iguais ou de gêneros opostos e etc.” (ESTUDANTE 09).

Posto isso, articulamos as discussões de teóricos que se dedicam às temáticas e às respostas dadas pelas/os estudantes ao quiz e à experiência na oficina de gênero e sexualidades; também comentaremos sobre os embates ocorridos entres esses levantamentos. As respostas elaboradas pelas/os estudantes ao quiz espelham notadamente compreensões sociais sobre gênero e sexualidades. Do universo de 25 (vinte e cinco) alunas/os, basicamente dez ou doze obtiveram uma compreensão relativamente perto do entendimento “popular” sobre as temáticas em apreço.

A experiência advinda da prática demonstra, contudo, a escola como um espaço extremamente complexo de se trabalhar com gênero e sexualidades, pois nesse universo de diversidade, as perspectivas são múltiplas, como se percebeu durante a oficina pedagógica realizada na escola pública aqui abordada, ocorrendo embates de posições contrárias, absorvidas muitas vezes, por discursos atravessados por uma moral patriarcal, binária, que inferiorizam as mulheres na relação com os homens, desqualificando a emancipação feminina, os direitos conquistados pelos movimentos feministas e LGBTQIPA+.

Na Escola *locus* da realização da oficina pedagógica “Juventudes, gênero e sexualidades”, houve alunos/as do Ensino Médio com olhares carregados pela moral tradicional e conservadora com relação às discussões sobre gênero e sexualidades, apresentando narrativas e comportamentos que reproduzem ideias que definem os lugares sociais das mulheres como “submissas, frágeis”, em comparação ao homem, este visto como: “varão, provedor,

forte, sagaz”⁷ (2022). Ideias reproduzidas por jovens entre jovens de 18 anos de idade, presentes na oficina.

Encontramos um cenário escolar extremamente complexo em sua organização, onde grupos de alunas/os imbuídas/os por uma moral cristã conservadora começaram monopolizar as problematizações levantadas pelas/os mediadores/as da oficina (monitores/as e Coordenadora do Curso de Extensão), sobre as questões de gênero e sexualidades. Dentre as/os alunas/os de postura conservadora, os rapazes monopolizavam o debate, ficando as meninas e outros meninos em silêncio, prestando atenção às intervenções dos colegas que se apresentavam como conhecedores da “verdade absoluta”, sobre os “papéis sociais” de mulheres e homens através do olhar cristão/patriarcalista/machista..

Mesmo com as intervenções feitas pelas/os jovens monitores/as, graduandos/as do curso de Licenciatura em Sociologia, em relação às falas conservadoras, dominadoras, que silenciavam outras vozes juvenis presentes, foi necessário que a Coordenadora do projeto interviesse, apresentando argumentos teóricos e com exemplos reais de casos de violência contra as mulheres, denunciando, assim, a real existência da violência de gênero e homofobia nos últimos anos, na sociedade brasileira, no Nordeste, na Paraíba e na cidade de Campina Grande.

A fala da Coordenadora do projeto, significada por exemplos reais, relacionando-os às discussões contemporâneas apresentadas pelos movimentos feministas de mulheres brancas e negras, assim como pelo movimento LGBTQIAP+, foi sendo ouvida pelas/os demais jovens e acalmando os ânimos, controlando as vozes dominadoras e silenciadoras, despertando outras vozes, até então silenciadas.

A intervenção da Coordenadora começou com a indagação inicial: *Por que as jovens estudantes presentes na oficina não falavam?* E, nessa ocasião, evidenciou a tentativa de controle masculino

7 As narrativas que descrevem as mulheres como “submissas, frágeis”, em relação ao homem visto como: “varão, provedor, forte, sagaz” são de alunos Do Ensino Médio, na faixa etária de 18 anos, da escola pública na cidade de Campina Grande- PB, questionando os conceitos de gênero, sexualidades e feminsimo abordados nas oficinas no mês de maio de 2022.

da situação expressa nas falas dos jovens estudantes, fazendo uso de supostos conhecimentos permeados de moral sexista e patriarcalista. Assim, a intervenção da coordenadora possibilitou a escuta por parte dos jovens que dominavam o debate, abrindo espaço para as meninas que, até então silenciadas, pudessem falar das suas experiências de violência de gênero e homofobias vivenciadas em casa, na escola e em outros espaços sociais.

A intervenção dos mediadores da oficina temática, coordenadora e monitores, apresentando dados reais de violência contra as mulheres e aos corpos LGBTQUIPA+ possibilitaram condições para reflexões e elaborações por parte das/os participantes sobre as temáticas abordadas. Algumas jovens estudantes começaram a falar, quebrando a barreira, até então intransponível, pois que estava fortalecida pelas vozes juvenis imbuídas de uma verdade que, para os mais radicais, era absoluta. E, assim, algumas jovens estudantes começaram a socializar algumas experiências de violências, problematizando, a partir das suas narrativas, as ideais universalizantes, homogeneizadoras, binárias, machistas, até então hegemônicas na oficina. Assim, como refletido por Mignollo (2008 apud BRITO & MACHADO, 2022, p. 36):

Desta maneira, quando a mulher negra é protagonista de sua própria história, sendo a gestora de espaços de representatividade, surgem conflitos e, ao mesmo tempo, condições de ressignificação, de diálogo. Esse processo é, também, gerador de movimento de “desobediência”.

A experiência mostrou que, apesar de as juventudes serem percebidas como “transformadoras sociais”, vimos, na singular experiência, como descreve Pierre Bourdieu(1986), que “Juventude é apenas uma palavra”, uma vez que há diversas maneiras e significados de juventudes ou, como refletido por Deyrell (2013, p. 4), que as/os “jovens se constituem como sujeitos nas condições sociais (sic) que dispõem”. Na oficina de “juventude, gênero e sexualidade”, alguns jovens se levantaram com discurso biologizante, significado pela moral patriarcal, demarcando os lugares sociais das mulheres, definindo seus papéis sociais, econômicos, políticos, de maneira desigual e inferior aos homens, mostrando, assim, que as juventudes

são significadas por vidas tecidas em contextos sociais diversos e processos de subjetivações singulares, frente à rede social tecida por ideias moralizantes, por verdade absoluta, universalizantes, atravessadas por marcadores de desigualdades sociais, econômicas, culturais.

GÊNERO E SEXUALIDADES?

A partir da experiência da oficina pedagógica aqui abordada, percebemos que as/os jovens são sujeitos sociais, históricos, políticos que reproduzem padrões já estabelecidos de comportamentos, de maneiras de se perceberem e de comunicarem, podendo ser subjetividades tecidas por ideias, sentimentos, comportamentos moralizantes, sexistas, machistas, estereotipando os corpos, com ideias de gênero binárias, inferiorizando corpos e sexualidades, percebendo os corpos com sentido estereotipado pela visão do macho dominador, hétero, cristão etc. definidor do *outro* diferente como inferior.

A nossa compreensão de gênero e sexualidade, todavia, diz respeito a construções sociais, culturais, políticas, históricas, tecidas pelas relações de poder entre sujeitos sociais em constante construção e reconstrução. Em nosso entendimento, não há um ser mulher e um ser homem universais, mas múltiplas mulheres e homens com significados e práticas distintas, pessoas marcadas pela relação de dominação e transformação.

As construções sociais e culturais das relações de gênero e sexualidades não podem ser confundidas com os determinantes dos órgãos genitais, pois, as “diferenças anatômicas e fisiológicas são diferenciadas socialmente e culturalmente, construindo historicamente e politicamente os corpos, as identidades de gênero e sexualidades (GIDDENS; SUTTON; 2017, p. 149). Vale ressaltar que sexo não é sexualidade, muito embora deva se considerar o sexo e o gênero ao se tratar de sexualidade. Giddens (2017, p. 203) explica que sexualidades são “características e comportamentos sexuais de seres humanos que envolvem aspectos sociais, biológicos, físicos e emocionais”. Weeks (1993), contribui com o debate quando toma a “sexualidade como uma descrição geral para a série de crenças,

comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas”.

As sexualidades são um aspecto muito complexo para serem tomadas apenas no campo do desejo e do sentimento. Trata-se de toda uma performance pedagógica construída nos corpos pela cultura, pela linguagem, normatizando perspectivas e que regulam formas de comportamentos que se materializam no dia-a-dia dos sujeitos, sobretudo quando se pontuam essas questões nos discursos sobre o sexo, formulando uma concepção de sexualidades “como uma invenção social” (LOURO, 2013).

A partir das intervenções sexistas e machistas apresentadas por alguns jovens estudantes durante a oficina pedagógica, percebemos o limite da conceituação de juventude pela faixa etária e não como percurso social, cultural, histórico, político. Além de compreendermos as juventudes como percurso, faz-se necessário percebê-las como múltiplas, considerando que, mesmo pertencentes a realidades sociais, econômicas, religiosas similares, os processos de subjetividades e de subjetivações podem se dar de maneiras diferentes. Aqui, compreendemos as juventudes como sujeitos sociais construídos pelas interseccionalidades, como descrito por Akotirene, (2020):

A interseccionalidade impede aforismos matemáticos hierarquizantes ou comparativos. Em vez de somar identidades, analisa-se(sic) quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade. Por sua vez, a identidade não pode se abster de nenhuma das suas marcações mesmo que nem todas, contextualmente, estejam explicitadas. (AKOTIRENE, 2020, p. 44)

A experiência aqui abordada mostra como as/os jovens que se assemelham pelas condições sociais, econômicas, históricas, culturais se diferenciam nas maneiras como subjetivam os processos sociais, apresentando-se como sujeitos sociais diversos, seja com ideias “conservadoras”, seja com outras “emancipadoras”, apresentando múltiplos sentimentos, aspirações sobre si e sobre o Outro.

Essas percepções podem estar carregadas de preconceitos, discriminações, sentimentos binários, subjetivados nas relações sociais. Com este estudo também discutimos como pode haver jovens que ainda problematizam e combatem as ideias universalizantes, patriarcalistas, machistas. Assim, as juventudes não são homogêneas, mas diversas, plurais, que requerem reflexões a partir de experiências singulares, percebendo as suas narrativas, seus comportamentos, os sentidos que dão à vida social e, como diz Deyrell (2013, p. 4): “Ao mesmo tempo, na vida cotidiana, entram em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentidos, que dizem quem ele é, quem é o mundo, quem são os outros.”

UM OLHAR DOCENTE

Após a realização da oficina “Juventudes, gênero e sexualidades”, enviamos duas perguntas pelo Google Forms para a Professora de Sociologia da escola pública, onde se realizaram as ações extensionistas. A primeira pergunta foi: Quais são os desafios encontrados para trabalhar as questões de gênero e sexualidades com jovens estudantes do Ensino Médio na Escola? A resposta da professora foi a seguinte:

Desconhecimento do que é gênero e sua distorção conceitual, resistência discriminatória sob influência religiosa e familiar com os temas de homofobia e transfobia, além de questões estruturais como falta de equipamentos técnicos e pedagógicos. (PROFESSORA, setembro de 2022).

A resposta da professora evidencia como a escola do século XXI ainda se configura com a “sexualização dos espaços”, apesar das históricas conquistas dos movimentos feministas, LGBTQUIAP+, no combate ao patriarcalismo, ao machismo e a toda forma de desigualdade de gênero e sexualidade. Apesar das conquistas apresentadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), pelo Estatuto da Juventude (2013), pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a

Formação Inicial e Continuada em Nível Superior (2015), ainda predomina o poder verticalizado do masculino no currículo e no espaço escolar.

A resposta evidencia, também, “a resistência” de jovens estudantes em discutir as questões de gênero e sexualidades devido a valores religiosos, familiares, que limitam e restringem as conversas sobre gênero e sexualidades, contribuindo com “a sexualização do espaço escolar” e a reprodução da violência de gênero que se apresenta de maneira simbólica e física em diferentes espaços sociais. Assim, compreendemos que as juventudes são múltiplas, podendo reproduzir, em suas práticas, sentimentos e ideias que sinalizam desigualdades, relações verticalizadas que inferiorizam o outro diferente.

A resposta acima aponta também para as “questões estruturais como falta de equipamentos técnicos e pedagógicos”, suscitando maiores reflexões sobre a importância de investimentos para a formação inicial e continuada de professores da Educação Básica para uma educação sobre diversidade, sexualidades e gênero. Ademais há necessidade de se perceber a escola, como um espaço de reflexão, desconstrução, problematizando a cultura de desigualdade de gênero, desnaturalizando “a sexualização do espaço escolar”, combatendo a violência contra as mulheres e contra a população LGBTQIAP+ e toda forma de desigualdade social.

A segunda resposta da professora foi para a seguinte pergunta: Em sua compreensão, quais as contribuições das oficinas que trabalharam as questões de “Gênero e sexualidades” para as/os jovens estudantes?

Conhecimento sobre sua sexualidade; abordagem de comportamentos machistas, feministas; debate que relaciona machismo e feminicídio; flexibilidade para pensar a diversidade de identidade e comportamentos sexuais; desconstruir estereótipos de padrões impostos como universais pela sociedade; problematização de comportamentos discriminatórios e preconceituosos; percepção de que a sexualidade é uma construção social/ cultural complexa e subjetiva e que, portanto, deve ser respeitada.(PROFESSORA, setembro de 2022)

A resposta acima apresentada evidencia a importância de se trabalhar com as questões de gênero, sexualidade e diversidade como conteúdo na Educação Básica. A Professora de Sociologia foi convidada pela Coordenadora para ser colaboradora do Projeto de Extensão, estando a docente presente nas primeiras reuniões de planejamento das oficinas pedagógicas em encontros semanais pela Plataforma Google Meet. A Coordenadora do projeto perguntou à referida Professora qual era a demanda de temáticas que poderiam ser abordadas nas oficinas, ao que ela sugeriu que se trabalhasse com gênero e sexualidades.

A partir da necessidade apresentada pela docente, a Coordenadora do projeto planejou, junto com os monitores, a oficina intitulada “Juventudes, gênero e sexualidades”, passando para a professora material informativo e bibliográfico, para que ela fosse incluindo as discussões em suas aulas de Sociologia. A mesma Professora foi introduzindo as discussões sobre as temáticas nas aulas que antecederam a oficina, possibilitando as/os alunas/os a compreensão do conceito de gênero e sexualidades como construções sociais, culturais, políticas. Desse modo, percebemos como as respostas dadas por algumas/uns alunas/uns e apresentadas no tópico anterior já apresentavam resultados das reflexões iniciadas pela Professora em sala de aula.

Ficou claro, então que, mesmo havendo muitos/as/ jovens estudantes com pontos de vista que ainda reproduziam e defendiam as desigualdades de gênero, havia outro bom número daqueles que apresentaram em suas respostas e intervenções visões que descontroem ideias binárias, biologizantes, verticalizadas acerca da relação entre homens e mulheres. Constatamos que é importante suscitar discussões seja em forma de conteúdo, de oficinas, de rodas de conversas sobre gênero e sexualidades, pois, mesmo sendo a escola um local de reprodução de “sexualização dos espaços”, reproduzindo hierarquias, separações, exclusões, inferiorização de corpos, ela também pode, através do trabalho pedagógico reflexivo, dialógico mostrar que “ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir” (LOURO, 2013, p.65). E, nesse processo de aprender a aprender, se desconstroem e se reconstroem outras maneiras de ver, sentir, partilhar. A partir das intervenções realizadas pelas/os mediadores/s da oficina,

percebemos que a experiência se assemelhou ao “Fio de Ariadne”⁸; “método que auxilia na solução de um problema complexo; algo ou alguém que lhe permite encontrar a saída para uma situação difícil: só encontraremos o **fio de Ariadne** para sair do caos atual refletindo em conjunto.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ensaio, apresentamos as interlocuções realizadas na oficina e as suas contribuições para (re)elaboração das percepções das/os jovens estudantes acerca das questões de gênero e sexualidades, abordados em uma “oficina pedagógica”.

Foram apresentadas ideias machistas por jovens estudantes que traziam para o diálogo informações de cunho sexista e patriarcalista com relação às mulheres, vistas como apêndices dos homens, frágeis, submissas, “femininas e não feministas”, destacando a imagem masculina como “forte, protetor, provedor, líder, capaz”. Tais características atribuídas às mulheres e aos homens, por alguns estudantes do Ensino Médio da Escola pesquisada, de maneira binária, hierárquica e universalizante, representam ideias, sentimentos e comportamentos conservadores que inferiorizam os corpos femininos nas relações sociais. Ideias naturalizadas socialmente, culturalmente e apresentadas nos discursos de jovens que, para alguns estudos sociológicos, são sujeitos de transformação social.

Assim, vale ressaltar que o espaço escolar é um dos principais responsáveis por reproduzir, estereotipar e impor padrões, modos de ser, de comportar-se, especialmente de viver, podendo ser um espaço de problematizações e reconstruções de subjetividades significadas pelo respeito, pela solidariedade, pela empatia. É nos diversos percursos, atravessados pela alteridade, reflexões, problematizações das verdades absolutas que as/os jovens vão se construindo e se reconstruindo como “sujeitos sociais”.

8 Disponível em: <https://www.google.com/search?q=fio+de+arandne&aq=chrome..69i57.3596j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 28 nov. 2022).

Desse modo, percebemos a importância dos cursos de formação docente através de ações extensionistas em parceria com as escolas de Educação Básica para possibilitar espaços de diálogos sobre as questões de gênero, sexualidades, diversidades. A partir do intercâmbio entre universidade e comunidade/escola, poderemos contribuir para desnaturalizar a realidade da desigualdades de gênero e as teias das relações de poder que atravessam as relações sociais em diferentes espaços e a sua reprodução por jovens na contemporaneidade.

É possível, nesse trabalho conjunto, desnaturalizar a ideia do senso comum de uma juventude homogênea, compreendendo, com base nas idiosincrasias, as múltiplas juventudes tecidas nas relações sociais cotidianas, carregadas, muitas vezes, de ideias, sentimentos, comportamentos reprodutores de ideias ultrapassadas conservadoras, preconceituosas, possibilitando, por meio de problematizações, o combate às desigualdades sociais de gênero e das sexualidades.

A experiência da oficina sobre “Juventudes, Gênero e Sexualidades”, realizada na escola pública, mostra a importância de se trabalharem essas questões, uma vez que os diversos tipos de violências e desigualdades de gênero continuam persistindo e se agravando na conjuntura atual. Faz-se necessário falar acerca dessas temáticas, de modo que venham a contribuir na reflexão por parte das/os jovens sobre as desigualdades sociais, de gênero e sexualidades que precisam ser combatidas pela construção do respeito ao outro diferente.

Desse modo, compreendemos a importância da relação Universidade e Escola para a desnaturalização da desigualdade de gênero e sexualidade, contribuindo pela problematização dialógica, a efetivação de uma educação plural, diversa e democrática. Aqui, tomamos os conhecimentos sociológicos e interdisciplinares, dialogando com os conhecimentos experienciais de jovens, professores/as e demais sujeitos escolares, como o “Fio de Ariadne”, dissolvendo o dinossauro dos preconceitos, das hierarquias, da superioridade masculina que inferioriza o *outro* diferente.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A “juventude” é apenas uma palavra**. [Entrevista cedida a] Extraído de: 1983. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, p. 112-121.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**; tradução Sérgio Millet. 5. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BRITO, Mariana Fernandes, MACHADO, Raimunda Nonato da Silva. Epistemologias afrocentradas em gênero e sexualidade: novos olhares a partir de corpos ancestrais. *In: Gêneros, diversidades e inclusões educacionais*. (org.) SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da; MACHADO, Raimunda Nonato da Silva. Curitiba: CRV, 2022.

CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez (org.). **Formação de professores do ensino médio, etapa I - caderno II: O jovem como sujeito do ensino médio**. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**, Set/Out/Nov/Dez, 2003, Nº 24.

FERRARI, Anderson; SILVEIRA, Gabriela. Diversidade Sexual e de Gênero: o que a Educação tem a ver com isso? *In: MARQUES, Luciana Pacheco; MONTEIRO, Sandrelena da Silva [org.] Diferenças e educação: trajetórias de pesquisa*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. (p. 66-78).

GIDDENS, Anthony; SULLTON, Philip. **Conceitos essenciais da sociologia**. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e Ação**, 19(2), 04-27. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444>. Acesso em: 2 jun. 2022.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA DE, Maria Isabel, EUGENIOA, Fernanda (rg.o). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2006.

PARRA, Jorge Barrientos. **O Estatuto da Juventude Instrumento para o desenvolvimento integral dos jovens**. Brasília a. 41 n. 163 jul./set. 2004 Brasília a. 41 n. 163 jul./set.2004.

SANTOS, João Vitor. **Conectados globalmente, coletivos juvenis agem na realidade de seus territórios**. [Entrevista especial cedida a] Regina Novaes. INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. 22 mai. 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/589351-conectados-globalmente-coletivos-juvenis-agem-na-realidade-de-seus-territorios-entrevista-especial-com-regina-novaes>. Acesso em: 30 jun. 2022.

SILVA, A. et al. **Sociologia em movimento**. 2. ed. - São Paulo: Moderna, 2016. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=fio+de+arandne&aq=chrome..69i57.3596j0j15&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 28 nov. 2022).

WEEKS, J. El malestar de la sexualidade: significados, mitos e sexualidades modernas. Madri: Talasa, 1993. In LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.